

“LEIA-TE A TI MESMO”: Uma Apresentação da Teoria das Paixões de Hobbes

“*READ YOURSELF*”: A Presentation of Hobbes's Theory of Passions

Ivandro José Pissolo¹(UPF)

Flávia Peruzzo²(UPF)

Resumo: É instigante ver a forma como Hobbes articula o texto da introdução do *Leviathan* evidenciando a possibilidade de que o homem possa conhecer o gênero humano partindo da auto-observação. Esse enunciado, em um primeiro momento, nos parece interessante e plausível se tomarmos como ponto de partida a tese de que todos os homens têm uma medida igual ou que todos os homens são iguais. Hobbes propôs uma medida de universalização e igualdade para os homens o que, para ele, garante a participação de todos no mesmo coletivo chamado gênero humano. Em um olhar mais detido, a provocação de Hobbes nos permite sistematizar um grupo de questões sobre a igualdade entre os homens e a capacidade de ver em nós as ações dos outros. Que caminhos percorre Hobbes para construir esta tese? Quais são seus argumentos? Se somos de fato iguais então é possível aplicar a auto-observação como ponto de partida para conhecer o gênero humano? Desta lista de inquietações nasceu este trabalho que busca apresentar a relação que há na formulação da Teoria das Paixões e as teorias físicas sobre movimento e inércia. Texto este que se encerra em uma apresentação da Teoria das Paixões proposta pelo autor.

Palavras-chave: Teoria das Paixões. Sensações. *Conatus*. Imaginação.

Abstract: *It is intriguing to see how Hobbes articulates the text of the introduction of the Leviathan evidencing the possibility that man can know the human genre starting from self-observation. This statement, at first, seems interesting and plausible if we take as a starting point the thesis that all men have an equal measure or that all men are equal. Hobbes proposed a measure of universally and equality for men and that, for him, guarantees the participation of all in the same collective called the human race. In a closer look, Hobbes's provocation allows us to systematize a group of questions about equality between men and the ability to see in ourselves the actions of others. What steps does Hobbes take to build this thesis? What are your arguments? If we are really equal, is it possible to apply self-observation as a starting point to know the human race? From this list of worries was born this work that seeks to present the relation that exists in the formulation of Passion Theory and the physical theories on movement and inertia. This text ends in a presentation of the Theory of Passions proposed by the author.*

Keywords: *Theory of Passions. Sensations. Conatus. Imagination.*

¹ Mestre em História Regional no Programa de Pós-Graduação da Universidade de Passo Fundo (PPGH/UPF). E-mail: ivandropissolo@gmail.com

² Pedagoga, Mestra em Educação pela FURB-SC e Doutoranda em Educação na Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: fpzflavia@gmail.com

PISSOLO, Ivandro José; PERUZZO, Flávia. *Leia-te a ti mesmo: uma apresentação da Teoria das Paixões de Hobbes*.

Introdução

O nosso estudo se propõe a debater o pensamento de Thomas Hobbes. Nossa proposta é focar o trabalho nos conselhos de Hobbes impressos já na introdução do *Leviatã* ao afirmar que “[...] há um outro ditado que ultimamente não tem sido compreendido, graças ao qual os homens poderiam realmente aprender a lerem-se uns aos outros, se se dessem ao trabalho de fazê-lo: isto é, *Nosce te ipsum, Lê-te a ti mesmo*”(HOBBS, 1983, p. 6).

O conselho de Hobbes é que os homens deveriam se preocupar em conhecer-se, no sentido de autoconhecimento, para só depois avançarem para o estágio da compreensão do outro e, com isso, compreender o gênero humano em todas as suas dimensões e possibilidades. Isso nos parece, em primeira instância, uma tarefa fácil tendo em vista que o objeto a ser conhecido, o sujeito, está muito próximo de quem pretende conhecê-lo, ou seja, o homem poderia ser o pesquisador de si mesmo. Essa proximidade com o objeto poderia ser um primeiro indicativo de que esta tarefa será muito facilitada já que o objeto é controlado pelo pesquisador. Grande engano. Ora, se o pesquisador pode controlar o objeto então, da mesma forma, pode controlá-lo, manipulá-lo e até mesmo fabricá-lo, artificialmente, a ponto de enganar-se.

Elencamos como ponto de partida do estudo a proposição de Hobbes sobre as paixões, pois, o conselho hobbesiano que destacamos anteriormente, recebe do próprio autor uma explicação de necessidade e plausibilidade quando argumenta que tal ditado:

Pretendia ensinar-nos que, a partir da semelhança entre os pensamentos e paixões dos diferentes homens, quem quer que olhe para dentro de si mesmo, e examine o que faz quando *pensa, opina, raciocina, espera, recebe, etc.*, e por que motivos o faz, poderá por esse meio ler e conhecer quais são os pensamentos e paixões de todos os outros homens, em circunstâncias idênticas (HOBBS, 1983, p. 6).

Com isto, Hobbes afirma que as paixões são semelhantes em todos os homens nas mesmas circunstâncias, assim, o homem que conhece as manifestações de suas paixões como o medo, a vontade, o desejo, entre outras, também conhecerá a manifestação destas nos demais sujeitos do mundo. Logo, pelos motivos descritos no nosso ponto de partida, para compreender a proposta da auto-observação hobbesiana, será o estudo das paixões.

PISSOLO, Ivandro José; PERUZZO, Flávia. *Leia-te a ti mesmo: uma apresentação da Teoria das Paixões de Hobbes*.

Vale ressaltar que a proposta de Hobbes é que o homem, pela auto-observação e pelo domínio dos princípios do *Lê-te a ti mesmo* seja capaz de conhecer o gênero humano, a humanidade. A intenção era criar um sistema que pudesse ser aplicado, depois de controlado e compreendido, sobre todos os homens universalmente e é ao que parece, essa pretensão universal, o que causa o maior desconforto para que se admita como verdadeira e possível à tese de Hobbes.

As Sensações Como Ponto de Partida

Em Hobbes a teoria das sensações é originada da tese mecanicista do autor sobre o movimento. A sensação é entendida como o efeito de um movimento local em nós: a reação motora do cérebro a um movimento que se origina fora e nos atinge do exterior. Assim, a sensação não está nas coisas, mas sim na reação do cérebro que é dada para determinado estímulo. Seguindo a mesma linha de pensamento, Hobbes coloca os órgãos dos sentidos no centro de toda a estrutura cognitiva humana, afirmando que “[...] não há nenhuma concepção no espírito do homem que não tenha sido originada, total ou parcialmente, nos órgãos dos sentidos [...]” (HOBBS, 1983, p. 9). Assim se justifica o trabalho inicial, de compreender o que o autor postulou sobre as sensações, para que se possam desvendar as sensações como chave de compreensão do *Lê-te a ti mesmo!*

A definição de sensação no *Leviatã* parece derivada do argumento de que todas as sensações que temos são internas ao homem e que delas decorrem a imaginação e as paixões, também no interior do homem se utilizando de um caminho estruturado e sistemático de músculos e movimentos. Não se pode, também, esquecer da relação entre os órgãos dos sentidos e as coisas sentidas que é fundamental para a compreensão da sensação. Tomando o que nos diz Hobbes (1983, p. 9):

A causa da sensação é o corpo exterior, ou objeto, que pressiona o órgão próprio de cada sentido, ou de forma imediata, como no gosto e tato, ou de forma mediata, como na vista, no ouvido e no cheiro; a qual sofre pressão, pela mediação dos nervos, e outras cordas e membranas do corpo, prolongada para dentro em direção ao cérebro e coração, causa ali uma resistência, ou contrapressão, ou esforço do coração, para se transmitir; cujo esforço porque para fora, parece ser de algum modo exterior.

PISSOLO, Ivandro José; PERUZZO, Flávia. *Leia-te a ti mesmo: uma apresentação da Teoria das Paixões de Hobbes*.

Fica aparente neste argumento, a relação entre o objeto e o órgão que se relaciona responsável por captar a sensação. Muitos comentadores tocam neste argumento para afirmar que Hobbes funda aqui uma tese mecanicista para a doutrina das sensações. Fenômeno parecido ocorre com o som. Na obra *Elementos da Lei*, Hobbes descreve a tese de como se dá a produção da sensação do som usando o argumento de que

[...] assim como a cor não é inerente ao objeto, mas um efeito deste sobre nós, causado por um movimento no objeto, também o som não está na coisa que ouvimos, mas em nós mesmos. Um sinal manifesto disso é que, assim como um homem pode ver, pode também ouvir, de modo duplicado ou triplicado, pela multiplicação de ecos, os quais são sons tanto quanto o original; e, não estando em um único e mesmo lugar, não podem ser inerentes ao corpo que os produz (HOBES, 2010, p.9).

A audição e a visão são, então, o produto do movimento que nossos olhos e ouvidos captam na relação entre eles e as coisas. Vale lembrar que embora estejamos tratando especificamente de dois sentidos, que são tomados como exemplo no texto hobbesiano, esta mesma regra é aplicada aos cinco sentidos em igual medida. Se a origem das sensações é o movimento produzido pelas coisas e captado por nossos órgãos dos sentidos então não podemos ter certeza das qualidades dos objetos que percebemos e a única certeza possível é que fora de nós existem movimentos. Reduzindo todo o processo aos movimentos, Hobbes nos faz pensar que, “[...] quaisquer acidentes ou qualidades que nossas sensações nos façam pensar que estão no mundo, elas não estão lá, constituindo apenas visões ou aparições. As coisas que realmente estão no mundo exterior são aqueles movimentos que causam essas visões” (HOBES, 2010, p. 9).

A pedra angular da teoria das paixões de Hobbes deriva das teses sobre as sensações que são produzidas pela habilidade dos órgãos do sentido em captar os movimentos produzidos pelas coisas no mundo. Esta relação denuncia a inclinação mecanicista da doutrina hobbesiana e já apresenta nosso primeiro problema a ser resolvido para este trabalho, qual seja, tratar da possibilidade de que todos os homens manifestarão as mesmas paixões quando nas mesmas circunstâncias considerando que, diante do exposto, a captação dos movimentos do mundo, que originam as sensações, precisa se dar de forma universal em todos os sujeitos, porque só assim, a tese hobbesiana será exitosa.

PISSOLO, Ivandro José; PERUZZO, Flávia. *Leia-te a ti mesmo: uma apresentação da Teoria das Paixões de Hobbes*.

Assim como a água estagnada, posta em movimento pelo impacto de uma pedra ou por uma rajada de vento, não para de se mover imediatamente tão logo o vento cesse ou a pedra se assente, da mesma forma, ao ser desviado o órgão da sensação, o efeito que o objeto causou no cérebro não cessa tão logo o objeto deixe de agir; isto é, embora a sensação desapareça, a imagem ou concepção permanece; mas mais obscuramente, enquanto estamos acordados, porque um ou outro objeto ocupa e solicita continuamente os nossos olhos e ouvidos mantendo a mente em um movimento mais forte, de modo que o mais fraco não aparece facilmente (HOBBS, 2010, p. 10).

Este argumento demonstra que Hobbes justificou sua tese das sensações por meio de uma teoria mecanicista do movimento e, por meio desta, também estabelece uma relação com a capacidade humana de armazenar na memória o resultado das sensações. A imaginação ou memória também foi um tema tratado no *Leviatã* no qual a relação da imaginação e o movimento são ainda mais aproximados.

A imaginação, segundo Hobbes, se origina com base no princípio da inércia. O autor afirma que é fato que a Lei da Inércia, que garante que um corpo em repouso assim permanecerá eternamente, é um argumento sobre o que, não restam dúvidas. Assim afirma Hobbes: “nenhum homem duvida da verdade da seguinte afirmação: quando uma coisa está imóvel, permanecerá imóvel para sempre, a menos que algo a agite” (HOBBS, 1983, p. 11). O trabalho com este enunciado garante, para o argumento hobbesiano, os elementos necessários para provar a exatidão de seu postulado que garante que os movimentos externos ao corpo, quando recebidos pelos órgãos dos sentidos, continuam em movimento no interior do corpo e, por sua vez, resultarão na imaginação. Para Hobbes “[...] não é tão fácil aceitar esta outra, que quando uma coisa está em movimento, permanecerá eternamente em movimento, a menos que algo a pare, muito embora a razão seja a mesma, a saber, que nada pode mudar por si só (HOBBS, 1983, p. 11).

Seguindo pela mesma linha, ou seja, partindo do princípio de que um corpo que se move permanece em movimento eternamente, Hobbes garante que este princípio também se manifesta no interior do homem e se perpetua. Na ausência do objeto que gerou o movimento e criou a sensação o homem ainda guarda a sua imagem. O raciocínio de Hobbes é assim descrito:

PISSOLO, Ivandro José; PERUZZO, Flávia. *Leia-te a ti mesmo: uma apresentação da Teoria das Paixões de Hobbes*.

Quando um corpo está em movimento, move-se eternamente (a menos que algo o impeça), e seja o que for que o faça, não o pode extinguir totalmente num só instante, mas apenas com o tempo e gradualmente, como vemos que acontece com a água, pois, muito embora o vento deixe de soprar, as ondas continuam a rolar durante muito tempo ainda (HOBBS, 1983, p. 11).

O que temos até aqui é uma contribuição ao estudo que enunciamos em nossa introdução. As noções propostas por Hobbes nos seus postulados sobre as sensações demonstram que o início do processo de autoconhecimento se dá nas sensações que são derivadas de movimentos externos ao sujeito. Está posto o processo causal baseado no movimento que é acidental ao corpo, ou seja, pode ser maior ou menor percebido dependendo das circunstâncias em que se relaciona com o órgão dos sentidos que o capta. Se tomarmos isso como conclusão verdadeira precisamos nos deter, com maior cautela, sobre a proposta hobbesiana da teoria das paixões como passo necessário para a auto-observação e o conhecimento da humanidade em seu sentido mais universal. Neste caso, são as paixões derivadas das sensações geradas de movimentos externos universais o suficiente para demonstrar um padrão de reação a ser aplicado para a humanidade?

O *Conatus* e as Paixões

Uma vez apresentada a base física da formação das sensações que são, como vimos, produzidas em uma relação entre órgão e movimento gerado pelo mundo exterior, resta-nos avançar para a apresentação da teoria das paixões hobbesiana. Porém, antes disso é preciso explorar um pouco mais a proposta do movimento interior que é a garantia hobbesiana de que as paixões se originam internamente por meio de um movimento imperceptível que merece ser mais bem lapidado. Compreender as paixões e os argumentos que Hobbes utiliza para apresentar a teoria é necessário para que possamos esclarecer o problema criado pelo autor ao propor uma tese de que é possível conhecer todos os homens partindo da auto-observação.

Como já dissemos anteriormente Hobbes se dedica a demonstrar no início da construção de seu sistema filosófico que, as sensações são o resultado dos movimentos que captamos sobre o mundo exterior e, internamente, se tornam a representação do mundo,

PISSOLO, Ivandro José; PERUZZO, Flávia. *Leia-te a ti mesmo: uma apresentação da Teoria das Paixões de Hobbes*.

porém, a sensação que temos de um determinado objeto, no cérebro, no status de imaginação, ela poderá referir-se a outros objetos do mundo que produzem o mesmo movimento e derivam a mesma sensação. “A sensação que nos mostra em um momento a figura de uma montanha, e em outro a cor do ouro; em seguida, porém, a imaginação reúne de uma só vez ambas as imagens em uma montanha dourada” HOBBS, 2010, p. 11).

Isso nos permite compreender o papel da imaginação de juntar várias sensações e delas originar uma nova imagem. Esta proposição apresenta um problema sobre o que Hobbes vinha enunciando. Se não vejamos, uma sensação só pode ser produzida com base em um tempo presente. É impossível que tenhamos sensações sobre o passado, logo, a recordação é fruto da imaginação que armazenamos sobre o mundo exterior que foi sentido, porém, ela não tem geração nos órgãos dos sentidos.

O esmaecimento, que se dá com a ação do tempo em nossa imaginação a ponto de apagar partes daquilo que derivamos das sensações, aponta para a dedução de que o movimento captado, quando no interior do corpo, se enfraquece em função de sofrer atritos de outros movimentos ou por ser obscurecido e superado por outros movimentos. Isso mostra que os homens devem buscar sempre as coisas que originaram as sensações já que a imaginação pode estar comprometida pelas relações de inércia e movimento que nos referimos acima.

No capítulo VI do *Leviatã*, ao tratar especificamente das paixões, Hobbes se detém na retomada de seu sistema filosófico que comprova a conexão física das paixões com as sensações quando, novamente, define as sensações como “[...] o movimento provocado nos órgãos e partes inferiores do corpo do homem pela ação das coisas que vemos, ouvimos, etc. [...]” (HOBBS, 1983, p. 32).

Internamente já se observou que Hobbes afirma que o movimento captado do exterior produz sensações interiores por meio de sua propagação. Neste caso, esta transição do meio exterior para o interior, precisa de melhor esclarecimento. A origem destes movimentos interiores deve ser conhecida “se queremos compreender o que é para Hobbes uma paixão ou um movimento da mente, é precisamente para o significado do termo *conatus* que devemos nos voltar” (LIMONGI, 2009, p. 48).

PISSOLO, Ivandro José; PERUZZO, Flávia. Leia-te a ti mesmo: uma apresentação da Teoria das Paixões de Hobbes.

Pode-se compreender a noção de *conatus* empregada por Hobbes como o movimento primeiro que ocorre nos órgãos dos sentidos após a captação do mundo exterior e, tal movimento, reverbera internamente no homem até tornar-se imaginação e derivar as paixões. Este movimento primeiro ocorre naturalmente tendo em vista todos os argumentos já apresentados sobre a proximidade que há, no sistema filosófico hobbesiano, entre a teoria das paixões e as teorias físicas sobre o movimento ou a inércia, mais especificamente no caso do *conatus*. “Não é, pois, por acaso que Hobbes se volta exatamente para o problema do início do movimento após ter apresentado a definição de *conatus* [...] Toda vez que um ponto em movimento toca um ponto em repouso ele o move ainda que minimamente, pois se não o movesse jamais o ponto em repouso seria movido” (LIMONGI, 2009, p. 52).

Novamente precisamos recorrer para as definições da física com o objetivo de compreender a proposição hobbesiana e, neste caso, Hobbes precisa se voltar sobre a inércia, passando pelo *conatus* para garantir que o movimento captado pelos órgãos dos sentidos mantenha o contínuo movimento reverberatório no interior do homem.

Essa proposição demonstra e justifica o argumento de que um movimento das sensações se forma internamente no corpo, ou seja, quando a inércia interior é afetada pelo movimento que é captado do mundo exterior pelos órgãos dos sentidos e, o choque de ambos, do movimento do mundo exterior sobre os tecidos inertes no interior do corpo, produzem o *conatus*, ou *os conatus*, necessários para produzir movimentos internos que reverberarão pelos tecidos até se tornarem imaginação e paixões.

[...] o *conatus* é uma qualidade de um *corpo em movimento*. Ela confirma que o *conatus* ou *os conatus* – nada obriga a preferir a forma singular – que, atualmente presentes num corpo, determinam seus movimentos e a forma de sua reação aos movimentos dos outros corpos incidentes sobre ele não são qualidades do corpo enquanto tal, mas apenas na medida em que está em movimento ou que é movido por outros corpos. As determinações destes *conatus* devem ser buscadas, portanto, nos movimentos que, a partir do exterior ou a partir dos outros corpos, incidem sobre o corpo em questão (LIMONGI, 2009, p. 52).

As sensações, então, derivam da captação de movimentos externos ao corpo que, quando manifestados pela coisa sentida, são captados pelos órgãos dos sentidos e se interiorizam no corpo. Porém, vale ressaltar que a defesa hobbesiana é de que as sensações se

PISSOLO, Ivandro José; PERUZZO, Flávia. Leia-te a ti mesmo: uma apresentação da Teoria das Paixões de Hobbes.

produzem internamente no homem e embora se refiram ao mundo exterior, elas não são exteriores.

Do *conatus*, que se inicia no interior do homem, os movimentos reverberam pelos músculos até atingir o coração e, nele são produzidas as paixões mais simples que são o prazer e a aversão. Segundo Hobbes há nos animais um par de movimentos que lhe são próprios e naturais. Estes são gerados e continuam sem que sejam interrompidos durante toda a existência do ser. “Deste tipo são a *circulação do sangue, o pulso, a respiração, a digestão, a nutrição, a excreção, etc.*” (HOBBS, 1983, p. 9 [grifo do original]). Também existem outros tipos de movimentos chamados voluntários que, por sua vez, requerem a atividade da imaginação para que ocorram, “como *andar, falar, mover* qualquer dos membros, da maneira como anteriormente foi imaginada pela mente” (HOBBS, 1983, p. 32. [Grifo do original]).

Como já vimos a sensação é o movimento provocado nos órgãos dos sentidos pela ação das coisas que captamos do mundo exterior e a imaginação, por sua vez, é o que resta do movimento após a sensação. Esta última, a imaginação, é responsável pelos movimentos voluntários que dependem de um planejamento anterior à execução. Assim se torna evidente que “a imaginação é a primeira origem interna de todos os movimentos voluntários” (HOBBS, 1983, p. 32).

Ainda resta a necessidade de esclarecer sobre os movimentos involuntários do homem aqueles chamados por Hobbes de *vitais*. Para tal, é preciso retomar nosso raciocínio anterior quando afirmamos que as sensações se iniciam em *conatus* no interior do corpo produzidos da relação dos órgãos dos sentidos com o mundo exterior e reverberam pelo interior do homem encerrando-se em imaginação e paixões. Para estas últimas é importante a compreensão dos caminhos percorridos pelos movimentos no interior do corpo para que se possa entender a definição das paixões em Hobbes.

Se ao alcançar o coração o movimento que provém do objeto externo for favorável ao movimento vital do corpo que sente, vai chamar-se *deleite* (ou *apetite*) pelo objeto; caso contrário, vai chamar-se aversão. Assim como a concepção é um movimento no cérebro, o deleite e a aversão são movimentos no coração e também solicitações, seja para aproximar-se da coisa que agrada, seja para afastar-se da coisa que desagrada (FRATESCHI, 2008, p. 69).

PISSOLO, Ivandro José; PERUZZO, Flávia. Leia-te a ti mesmo: uma apresentação da Teoria das Paixões de Hobbes.

Se o movimento captado do mundo exterior, qual seja a sensação ou imaginação, colabora com o movimento vital do corpo surgirá um movimento em direção ao objeto causador. Deste impulso em direção ao objeto causador surgirá o desejo. Por outro lado, se este movimento dificultar o movimento vital do corpo o resultado será o desencadear de um movimento contrário ao objeto causador. Este último movimento chamado de aversão.

Esse movimento que consiste no prazer ou na dor, é da coisa que agrada, seja para afastar da coisa que desagradar. E essa solicitação é o esforço ou o começo interno do movimento animal, que é chamado de *apetite* quando o objeto agrada; de *aversão*, quando desagradar e se trata de um desprazer presente; mas é chamado de *medo* se se trata de um desprazer esperado (HOBBS, 2010, p. 28).

Essa definição é o reverberar do *conatus* que já apresentamos com alguma brevidade em momentos anteriores. Para o que nos propomos aqui ela serve para compreendermos que os movimentos primeiros, ao que Hobbes chamou de *conatus*, provoca outra cadeia de movimentos no interior do corpo. É dessa interiorização de movimentos e conjuntos de movimentos, que adquirem significado no interior do corpo e que reverberam no homem até que encontre um movimento contrário que mude sua direção ou que, de outra forma, o devolva para a inércia, que as sensações produzem paixões. Este argumento é apresentado na maioria das vezes em que se apresenta a “teoria das paixões” de Hobbes.

Usamos os termos *apetite* e *aversão* acompanhando a teoria de Hobbes ao propor que estas duas são as mais simples paixões. Derivam do *esforço* e se manifestam no início da cadeia de movimentos que se dão internamente no homem e, em seguida produzem e subsidiam os demais movimentos que geram as paixões mais sofisticadas. Assim, essa definição de *apetite* e *aversão*, derivados do *esforço* pode, no interior da teoria das paixões, assim ser compreendida:

Estes pequenos inícios do movimento, o interior do corpo do homem, antes de se manifestarem no andar, na fala, na luta e outras ações visíveis, chamam-se geralmente *esforço*.

Este esforço, quando vai em direção de algo que o causa, chama-se *apetite* ou *desejo*, sendo o segundo o nome mais geral, e o primeiro frequentemente limitado a significar o desejo de alimento, nomeadamente a *fome* e a *sede*. Quando o esforço vai no sentido de evitar alguma coisa chama-se geralmente *aversão* (HOBBS, 1983, p. 6).

PISSOLO, Ivandro José; PERUZZO, Flávia. *Leia-te a ti mesmo: uma apresentação da Teoria das Paixões de Hobbes*.

Neste caso, é notória a insistência propositiva de Hobbes na defesa do argumento de que as paixões, que já demonstramos anteriormente, que derivam das sensações que são produzidas pela captação de movimentos externos ao corpo que, neste caso, penetram nele pelos órgãos dos sentidos, são agora a continuidade destes movimentos em direção ao objeto que promoveu a sensação ou, em outra possibilidade, em direção contrária que, neste caso, manifesta a nossa repulsa ou, na linguagem típica da teoria das paixões, manifesta nossa paixão de aversão ao objeto.

A chave do trabalho de Hobbes está no estudo de qual caminho é percorrido pelas sensações. Como já vimos elas partem do contato dos órgãos dos sentidos sobre os movimentos do mundo exterior, do qual são geradas, internamente no homem, as sensações que tem, por sua vez, como movimento inicial, o *conatus*, ou conjunto de *conatus*, daqui dirigem-se para o movimento vital e se revelam como apetite ou aversão do que derivarão todas as demais paixões. Ao compreendermos esta proposição de Hobbes percebemos que para ele “as paixões, enquanto movimentos em nós podem ser compreendidos à luz das leis mecânicas da natureza” (FRATESCHI, 2008, p. 70).

Desta argumentação hobbesiana é que compreendemos a posição do autor sobre a tese, uma vez que, defende que o comportamento humano pode ser compreendido por meio da aplicação do mesmo modelo utilizado para compreender os movimentos do mundo físico partindo, como já dissemos anteriormente, do movimento inercial e da lei da inércia. Isto posto, delineado e definido, podemos nos concentrar na possibilidade de universalizar a compreensão das paixões como possibilidade de universalização para a compreensão do homem. Este ponto é o mais central deste estudo, ou seja, perceber como Hobbes postula uma teoria das paixões que garante a universalização dos homens e que, com base na auto-observação, todo homem pode conhecer os demais homens.

“*Leia-te a Ti Mesmo*”: a proposta da auto-observação

Como já apontamos em várias passagens anteriores Hobbes encontra sua base em uma teoria física do movimento, mais especificamente a lei da inércia, para garantir que o mundo exterior nos afeta por meio de movimentos naturais produzidos pelas coisas, que são

PISSOLO, Ivandro José; PERUZZO, Flávia. *Leia-te a ti mesmo: uma apresentação da Teoria das Paixões de Hobbes*.

captados pelos órgãos dos sentidos, ainda em forma de movimentos, que se interiorizam e reverberam pelo corpo até que sofram ação contrária de outro movimento. Também, em outras passagens, já vimos que Hobbes propõe um caminho natural dos movimentos que, no interior do homem, se transformam em sensações, imaginação e, quando em direção ao movimento vital, serão prazer ou deleite ou, quando em direção oposta ao movimento vital, se tornarão aversão. O argumento sobre a derivação das demais paixões também já foi apresentado, ou seja, do prazer e da aversão, se originarão todas as demais paixões humanas, tantas quantas forem possíveis de nominar, porém, a nomeação de cada uma dependerá exclusivamente da sensação e do movimento gerado no interior do corpo do homem.

Resta-nos, então, avançar pelo caminho das paixões e produzir elementos que contribuam para o esclarecimento do problema da universalização das paixões e da auto-observação proposta por Hobbes como possibilidade para conhecer os homens em sua totalidade. Para isso precisamos apresentar a proposição hobbesiana chamada de *Leia-te a ti mesmo*.

Sobre tomar como princípio o conhecimento de si, Hobbes é categórico ao afirmar que, esta é a chave para conhecer os homens, ou seja,

[...] embora por vezes descubramos os desígnios dos homens através de suas ações, tentar fazê-lo sem compará-las com as nossas, distinguindo todas as circunstâncias capazes de alterar o caso, é o mesmo que decifrar sem ter a chave, e deixar-se as mais das vezes enganar [...] (HOBBES, 1983, p. 6).

Ler em si mesmo a universalidade do gênero humano é a arte de buscar em nós mesmos os princípios da humanidade (enquanto categoria de seres) que se apresentam naturalmente em todos os homens, porém, é preciso tomar cuidado para não buscar os motivos pelos quais nos envolvemos ou repelimos certas coisas, pois isso, em si, seria um estudo das coisas que nos causam apreço ou repulsa e, já fomos alertados por Hobbes que esta não é a linha que se deve manter. Resta-nos, então, a tarefa de descobrir o emaranhado lógico onde se estabelecem nossas motivações e o que faz com que, em determinadas situações, tenhamos medo ou vontade de possuir (LIMONGI, 2009). É importante ressaltar aqui que

PISSOLO, Ivandro José; PERUZZO, Flávia. *Leia-te a ti mesmo: uma apresentação da Teoria das Paixões de Hobbes*.

O fato de que Hobbes admita que se pode obter o conhecimento dos movimentos da mente (filosofia moral) a partir do conhecimento do movimento dos corpos em geral (física) não implica, evidentemente, a negação da relevância das circunstâncias externas em que se formam as paixões. Ao contrário, estas resultam mecanicamente do modo como o mundo externo nos afeta (FRATESCHI, 2008, p. 70).

Constata-se que Hobbes não nega o mundo externo e suas várias possibilidades de manifestação sobre o homem, considerando, inclusive, que essas circunstâncias podem ser de características, tipos e intensidades muito variadas sobre homens diferentes. Precisamos procurar a possibilidade de universalização dos homens fora do mundo exterior e dentro do homem, ou seja, considerar a proposição de Hobbes de que os movimentos do mundo exterior se convertem em movimentos no interior do homem. Ao que parece há no pensamento hobbesiano uma possibilidade de igualar os homens.

A natureza fez os homens tão iguais, quanto às faculdades do corpo e do espírito que, embora por vezes se encontre um homem manifestamente mais forte de corpo, ou de espírito mais vivo do que outro, mesmo assim, quando se considera tudo isto em conjunto, a diferença entre um e outro homem não é suficientemente considerável para que qualquer um possa, com base nela, reclamar qualquer benefício a que outro não possa também aspirar, tal como ele (HOBBS, 1983, p. 7).

Esta passagem do *Leviatã* demonstra o convencimento de Hobbes de que há uma relação de igualdade entre os homens e que, por isso, podemos universalizar suas ações, reações e paixões. Cabe ressaltar que o autor da teoria das paixões está convencido de que internamente, no homem, os caminhos percorridos pelos movimentos são os mesmos e sob as mesmas circunstâncias, logo, os resultados e produtos disto devem ser os mesmos em todos os homens. Como já afirmamos, há aqui uma proximidade entre o homem biológico e a física ou, de outra forma, um uso incontestado da física para explicar o homem biológico. Esta tese de Hobbes garante a igualdade dos homens no sentido de que, a auto-observação pode ser aplicada para a compreensão de todos os homens.

Ao apresentar a tese da auto-observação Hobbes, na introdução do *Leviatã*, já delineava os caminhos que se precisa percorrer para compreender a igualdade dos homens ao afirmar que, ao considerar os homens iguais ele está se referindo “à semelhança das *paixões*, que são as mesmas em todos os homens, *desejo, medo, esperança*, etc.” (HOBBS, 1983, p.

PISSOLO, Ivandro José; PERUZZO, Flávia. *Leia-te a ti mesmo: uma apresentação da Teoria das Paixões de Hobbes*.

6). Nesta mesma linha Hobbes defende que a auto-observação tem um caráter de necessidade que vai além do caráter de possibilidade já que a auto-observação, o “*Lê-te a ti mesmo*”, é um caminho plausível, necessário e único para conhecer os homens. De fato, é preciso que para isso já se tenha superado qualquer possibilidade de negar que há um caminho unívoco no que concerne a produção das paixões humanas. Com a proposta da auto-observação Hobbes (1983, p. 6), então,

Pretendia ensinar-nos que, a partir da semelhança entre os pensamentos e paixões dos diferentes homens, quem quer que olhe para dentro de si mesmo, e examine o que faz quando *pensa, opina, raciocina, espera, recebe*, etc., e por que motivos o faz, poderá por esse meio ler e conhecer quais são os pensamentos e paixões de todos os outros homens, em circunstâncias idênticas.

Reforça-se assim, necessariamente, o argumento de que a proposição hobbesiana se envolve apenas no conhecimento das paixões e não nos objetos do mundo exterior que desencadeiam os primeiros movimentos da cadeia de movimentos que resultarão nas paixões. Este alerta é feito também por comentadores de Hobbes que procuram manter distante o entendimento superficial de que os objetos das paixões são relevantes para compreender a teoria das paixões que aqui descrevemos. Segundo Limongi (2009, p. 79),

Não deixa de ser significativo o fato de que seja precisamente pela abstração dos objetos das paixões que Hobbes nos convida, na introdução ao *Leviathan*, a ler em nós mesmos os princípios de uma natureza humana universal. Se isso é possível, diz ele, é porque as paixões são as mesmas em todos os homens – note-se: as paixões, não seus objetos.

O texto citado demonstra que Hobbes se refere às paixões e suas semelhanças pelo viés interno e unívoco das mesmas e não pela compreensão dos objetos que se deseja. A introdução do *Leviatã*, destacada no argumento citado acima, carrega o alerta sobre a possibilidade de compreensão das paixões nos homens quando Hobbes (1983, p. 6) afirma que se refere “à semelhança das paixões, que são as mesmas em todos os homens, desejo, medo, esperança, etc. e não à semelhança dos objetos das paixões, que são as coisas desejadas, temidas, esperadas, etc.”.

A auto-observação, ou a leitura de nós mesmos, e disto a leitura de todo o gênero humano na sua universalidade é uma tese possível, desde que, nos concentremos em descobrir

PISSOLO, Ivandro José; PERUZZO, Flávia. *Leia-te a ti mesmo: uma apresentação da Teoria das Paixões de Hobbes*.

a lógica de nossas motivações e qual é, neste caso, o mecanismo que opera em nós para que em determinadas situações tenhamos prazer e, em outras, aversão. A chave necessária para realizar esta tarefa com êxito é a nossa habilidade de entender e conhecer todas as possibilidades de ação que podem alterar o resultado ou o movimento interno do homem, ou seja, nossa habilidade de saber e distinguir os momentos em que a inércia é interrompida ou que o *conatus* contrário possa operar o que, pela argumentação hobbesiana, redundará em uma nova paixão e uma nova leitura possível do mesmo homem.

Considerações Finais

Acentuamos como proposta inicial para nortear o nosso estudo o problema gerado pela filosofia de Hobbes ao instigar-nos a usar da auto-observação para conhecer o gênero humano. Para tal, nos desafiemos a esclarecer a teoria das paixões e a forma como elas se desencadeiam. Perguntamo-nos sobre como se dá o conhecimento das paixões? O melhor caminho a ser seguido e sugerido por Hobbes é aquele da auto-observação, o “*leia-te a ti mesmo*”, ou pelo viés da compreensão de todo o sistema, que parte da física, e justifica a origem das paixões no homem?

Para dar conta da proposta partimos para o esclarecimento do sistema, derivado da física, proposto por Hobbes, como possibilidade de compreensão da teoria das paixões. Por meio deste sistema percebemos que as paixões são produzidas depois de sermos afetados pelos movimentos do mundo exterior. Este é o primeiro dilema que precisa ser compreendido, qual seja, as sensações, primeiras no homem em relação às paixões, não são produzidas fora do homem. São sim produzidas pelo contato de nossos órgãos dos sentidos com o mundo exterior e pela forma como os movimentos do mundo afetam nossos sentidos.

Uma vez afetados, nossos órgãos dos sentidos são os primeiros elementos capazes de captar o mundo e conectar o mundo exterior com o mundo interior. Isso justifica o fato de que nossas paixões são produzidas no interior do homem e, também, são produtos das sensações e imaginação após a deflagração de uma série de *conatus* ou de apenas um *conatus*. Isto prova que, mesmo produzidos no interior do corpo que foi afetado pelo mundo exterior, as sensações continuam sendo uma reverberação de movimento que, em forma de onda,

PISSOLO, Ivandro José; PERUZZO, Flávia. *Leia-te a ti mesmo: uma apresentação da Teoria das Paixões de Hobbes*.

percorre o corpo do homem. Esta reverberação tem como ponto inicial o interior do homem e é embasada na lei da inércia, ou seja, afetado pelo movimento exterior o movimento no interior do homem abandona seu estado de repouso e avança até encontrar algo que se choque em contrário ou que o obrigue a retomar sua posição de repouso.

A reverberação das sensações produz as paixões humanas mais simples que são a aversão e o prazer. Destas derivam todas as demais que serão: prazerosas se o movimento no interior do homem for em direção ao objeto sentido ou de aversão se o movimento for contrário. Neste ponto se torna imperioso esclarecer que Hobbes não está disposto a garantir que precisamos conhecer os objetos para conhecer nossas paixões, aliás, muito pelo contrário, pouco importa os objetos que geraram o movimento para a geração do *conatus*, uma vez que o que interessa é o caminho que o movimento percorreu no interior do homem que gerará paixões de prazer ou aversão.

Hobbes admite, porém, que os mesmos objetos tenham reações diferentes em homens diferentes e até no mesmo homem em diferentes momentos. Logo, não há uma reação universal dos homens para os objetos. O que é igual em todos, na verdade, é o mecanismo das paixões. Ou seja, toda paixão é um movimento em direção ou em afastamento a algum objeto. Então, mesmo em circunstâncias diferentes ou reagindo a objetos diferentes, os homens podem produzir paixões idênticas e, esse conjunto de paixões nos reúne enquanto conjunto.

A proposição do “*Leia-te a ti mesmo*” é apresentada por Hobbes já na introdução do *Leviatã* como uma possibilidade de leitura do gênero humano partindo da auto-observação. Esta proposição, no entanto, tem uma limitação apontada pelo próprio autor da tese que é o fato de que, para que a tese tenha eficiência e aplicabilidade, é preciso que possamos distinguir todas as circunstâncias capazes de alterar o caso e, por conseguinte, alterar os movimentos internos gerados enquanto sensação e, em seguida, como paixão.

A distinção das circunstâncias demonstra que o argumento da auto-observação tem limitações e só pode ser aplicado se partirmos da compreensão de que todos os homens são, indistintamente, afetados da mesma forma pelo mundo exterior e que, essas afecções, resultarão nos mesmos movimentos internos, caso contrário a fundamentação da teoria das paixões pelo viés da física não encontra elementos suficientes para se sustentar. O fato é que, como dito anteriormente, Hobbes não nos permite essa conclusão por afirmar que os objetos

PISSOLO, Ivandro José; PERUZZO, Flávia. *Leia-te a ti mesmo: uma apresentação da Teoria das Paixões de Hobbes*.

afetam de forma diferente a homens diferentes ou, também, afetam diferente o mesmo homem em tempos diferentes. Então, a auto-observação terá sucesso quando controlarmos todas as circunstâncias do movimento gerado e, de posse disso, poderemos *ler* o gênero humano sem cometer equívocos de realizar a leitura de membros particulares deste gênero e induzir sentenças para todos.

REFERÊNCIAS

FRATESCHI, Yara. **A física da política**. Hobbes contra Aristóteles. São Paulo: Unicamp, 2008.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. Coleção Os Pensadores. Trad. João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HOBBS, Thomas. **Os elementos da lei natural e política**. Trad. Bruno Simões. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LIMONGI, Maria Isabel. **O homem excêntrico: Paixões e virtudes em Thomas Hobbes**. São Paulo: Loyola, 2009.

Recebido em 30/09/2017

Aprovado em 27/12/2017